

REVISTA BATISTA PIONEIRA

BÍBLIA ▪ TEOLOGIA ▪ PRÁTICA

ONLINE ISSN 2316-686X - IMPRESSO ISSN 2316-462X

Vol. 6 ▪ n. 1 ▪ Junho | 2017

O PASTOR COMO DIÁCONO – O FUNDAMENTO TEOLÓGICO DO ENCARGO DIACONAL NO SERVIÇO PASTORAL

Der Pastor als Diakon – zur theologischen Begründung des diakonischen Auftrags im pastoralen Dienst

Dr. Ralf Dziewas¹

RESUMO

O significado do ministério pastoral necessita ser revisto e analisado constantemente e sempre à luz da Bíblia e da Teologia, com o foco na contextualização de época e espaço. O presente trabalho levanta exatamente este questionamento, enquanto apresenta cinco teses para o debate e a confrontação com o *status quo* do serviço pastoral na atualidade. As argumentações apresentadas demonstram que o que o Pastor e a Pastora fazem, ou podem e devem fazer, ultrapassa o conceito tradicionalmente aceito.

¹ Estudos de Teologia, Sociologia e Filosofia na Westfälischen-Wilhelms-Universität Münster. Doutorado em Teologia (1995). Professor de Diaconia e Teologia Social no Theologischen Seminar Elstal (FH) e Pro-reitor da Theologischen Hochschule Elstal. E-mail: ralf.dziewas@th-elstal.de. Texto traduzido do original, em alemão, por Erich Luiz Leidner e Kethryn Aline Arndt.

ABSTRAKT

Die Signifikanz des pastoralen Dienstes muss ständig und immer wieder im Licht der Bibel und der Theologie, mit dem Fokus auf dem Zusammenhang von Zeit und Raum überprüft und analysiert werden. In diesem Vortrag wird dieses Thema befragt, indem fünf Thesen zur Diskussion und Konfrontation mit dem *Status Quo* des pastoralen Dienstes heute anleiten. Die Argumente die hier präsentiert sind, zeigen, dass was der Pastor oder die Pastorin tut, oder tun könnte und sollte, weit hinaus geht über das akzeptierte traditionelle Konzept.

INTRODUÇÃO

Em uma sociedade na qual as mudanças ocorrem rapidamente, faz-se necessário refletir e questionar o ministério pastoral, sempre de novo, a partir das expectativas e funções tradicionais, examinando-as criticamente à luz da teologia.² Hoje³, a partir de minha perspectiva como Pastor e estudioso da diaconia, eu quero fazê-lo na base de uma nova forma de conscientização teológica sob o espectro de responsabilidades e da identidade do ministério pastoral. Onde, no futuro, as funções pastorais devem focar se a Igreja quiser cumprir a sua missão básica? Como o ministério de um Pastor ou de uma Pastora poderá ser cumprido teologicamente e qual o papel deste ministério na área diaconal, sendo que esta área, tradicionalmente, tange apenas lateralmente a área da vocação pastoral?⁴ Para esboçar o que significa

² Quanto a compreensão da importância das expectativas para os pastores ou para as pastoras referente a este cargo oficial em especial em Convenções de Igrejas com estrutura congregacional, pode ser visto em minhas exposições em: DZIEWAS, Ralf: *Partorinnen und Pastoren zwischen Bund und Gemeinde – Die Spannung von Amtsverständnis und Gemeindeerwartungen als Anfrage na den Baptismus: ZThG 14* (2009), 206-229. Quanto a mudança da autoimagem e da imagem que os outros tem dos líderes espirituais na atualidade, mostra KLESSMANN, Michael: *Pfarrbilder em Wandel. Ein Beruf im Umbruch*, Neukirchen – Vluyn 2001.

³ Palestra apresentada no Congresso de Pastores da BEFG em Kirchheim em 02/03/2009. O estilo de palestra foi mantido, em razão da escolha consciente do caráter apelativo da apresentação, não suavizando além do necessário a forma escrita.

⁴ Mesmo que neste meio tempo a ciência da Diaconia já tenha se estabelecido como uma ciencia interdisciplinar própria (veja em GÖTZELMANN, Arnd/HERRMANN, Volker: *Zu den Grundlagen und Entwicklungen der wissenschaftlichen Reflexion diakonischen Handelns*, em: SCHIBILSKY, Michael/ZITT, Renate (Hg.): *Theologie und Diakonie - Veröffentlichungen der Wissenschaftlichen Gesellschaft für Theologie*. 25, Gütersloh 2004, 483-500, citação de 483), permanece como verdadeira a constatação, pelo menos na formação de pastores em Faculdades Evangélicas, que “a doutrina da diaconia no ensino teológico continua mantido à sombra” (NICOL, Martin: *Grundwissen praktische Theologie. Ein Arbeitsbuch*, Stuttgart 2000, 166). Diaconia é uma área da teologia prática na maior parte subordinada à Homilética,

a diaconia no ministério pastoral, formulei cinco teses, consciente de que a agudez das mesmas, e especialmente as consequências, provocarão uma discussão.

1. A IGREJA E A SUA MISSÃO

A identidade do ministério pastoral e suas tarefas essenciais não podem ser determinadas, sem o devido foco sobre a Igreja e o cumprimento de sua missão básica, pois a missão e o campo de ação de Pastoras e Pastores se concretizam a partir da missão básica de cada Igreja, de uma Igreja de Jesus, que quer ser uma parte deste único corpo de Cristo

“Mas vós sois a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido, para que anuncieis as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz.” (1 Pe 2.9).

Tese 1:

A Igreja, como corpo de Cristo, foi conclamada para anunciar o amor de Deus através da pregação do Evangelho, através de atos de misericórdia e através de sinais da eminente chegada do Reino de Deus.

Quem pensa que uma Igreja pode ser Corpo de Cristo neste mundo sem a ação diaconal, deve fazer penitência e junto com a sua Igreja assumir de novo a completa missão de Jesus, ao invés de protelar por mais tempo a digna proclamação do amor de Deus.

Igreja não é fim em si mesma. Ela tem uma tarefa, uma missão, e essa missão a torna de fato o que ela é. Ser corpo de Cristo significa assumir o compromisso de levar a obra de Jesus adiante, como seguidores nos passos de Jesus, em quem o amor de Deus tornou-se homem neste mundo. Ser Igreja de

Prática Pastoral, Aconselhamento Pastoral, Liturgia, Liderança da Igreja e Ensino Religioso, a menos que algum dos professores destas áreas demonstrem um interesse específico em desenvolver pesquisas nesta área. O Seminário Teológico Elstal e a Universidade de Ciências Aplicadas da BEFG, têm na Diaconia assim como na Missiologia, uma especialização teológica própria, aplicando este ensino desde o do primeiro semestre do bacharelado, seguindo sem interrupção pela especialização até o programa de mestrado.

Cristo, significa proclamar o amor de Deus e as suas boas obras. A questão é que o amor de Deus ao homem, que de forma insuperável se manifestou pelo envio de Seu filho Jesus Cristo, continue sendo experimentado.⁵ O amor de Deus em Cristo não é apenas um evento na história, mas o início, e através dos séculos até hoje, de uma realidade tangível e atual. E o papel da Igreja é este, e de proclamar este amor de Deus e permitir que as pessoas o experimentem.

Se neste contexto evidencia-se como missão da Igreja a proclamação, então isto soa primeiramente como uma ordem primitiva de discurso, como se a tarefa prioritária da Igreja fosse, através de palavras, dar a boa notícia do evangelho do amor de Deus, e pregações a respeito do Evangelho no mundo, referente ao que acontecia naquele tempo. Como se tudo girasse em torno de sempre de novo falar, colocar aos ouvidos das pessoas de forma ininterrupta, que o amor de Deus vale para elas e que esse amor foi revelado por Jesus Cristo, de uma vez por todas, há dois mil anos. Esta naturalmente é e permanece como sendo uma missão de cada Igreja, e uma parte da tarefa irrenunciável da vocação de cada cristão individualmente, e da comunidade de todos os fiéis. Mas é apenas uma parte da vocação, apenas um aspecto ao lado das demais da missão como um todo. Ao lado da proclamação por meio da palavra pertence, de maneira indispensável, a proclamação do amor de Deus por atos de misericórdia e sinais da eminente vinda do Reino de Deus.⁶

Quando olhamos para os atos de Jesus, como nos é transmitido pelos Evangelhos, então este tríptico chamado se torna claro em várias partes. Ele foi um eminente pregador e palestrante, alguém que conseguia, com exemplos e figuras impressionantes, descrever o amor de Deus e a chegada do Reino de Deus por meio de sua própria pessoa, com palavras de conforto e de

⁵ Vide DINKEL, Christoph/SCHÄFER, Gerhard K.: *Diakonie und Gemeinde*, em: SCHIBILSKY, Michael/ZITT, Renate (Hg.): *Theologie und Diakonie (Veröffentlichungen der Wissenschaftlichen Gesellschaft für Theologie 25)*, Gütersloh 2004, 401-418. “Sem o rito da misericórdia e sem a compaixão para com os fracos, sofredores e excluídos, a fé cristã não é possível. Para Jesus e para a fé cristã o amor a Deus e o amor ao próximo são, conforme o duplo mandamento do amor em Mc. 12.30s, igualmente equiparados e igualmente importantes”. (DINKEL, *Diakonie* 401).

⁶ Da mesma forma DINKEL, *Diakonie* 406, aponta que “a cultura da misericórdia oriunda em Jesus [...] pregada não somente no Culto e assim mantida presente pela comunicação, se concretiza e torna visível pelo engajamento da Igreja em atividades diaconais. As inúmeras atividades diaconais das Igrejas cristãs concretizam o rito de misericórdia e justiça [...] pois o engajamento diaconal cresce sempre de novo a partir da proclamação cristã do amor de Deus. Ao mesmo tempo, o compromisso diaconal das Igrejas reforça a credibilidade na proclamação cristã, constitui e fortalece a aceitação da cultura da compaixão na sociedade”.

desafios aos seus ouvintes. Ele foi um proclamador que em debates ou em discursos, em conversas reservadas, em pequenos grupos ou diante de grandes multidões, fazia do amor de Deus e a chegada do Reino de Deus, o seu tema. Mas nós não conhecemos a Jesus, conforme a tradição bíblica, apenas como orador ou pregador, mas também como alguém que, ao lado de sua pregação a respeito do amor de Deus e a proximidade do Reino divino, tornava crível a sua mensagem, quando convivia com aqueles, dos quais outros tomavam distância; quando trazia para perto de si uma comunidade, que segundo os demais deveriam viver pelos padrões estabelecidos.⁷ Ele foi alguém que não apenas falou de amor, mas que viveu o amor, tocando os leprosos, reclinando-se à mesa com publicanos e pecadores, oferecendo perdão de pecados a pecadores e livrando a adúltera de apedrejamento. Jesus não anunciava apenas em suas pregações o Reino de Deus, mas o seu estilo de vida era impregnado pelos padrões do Reino de Deus. Ele viveu doando amorosamente, perdoadando comprovadamente, oferecendo esperança e lembrando repetidamente seus discípulos que a proclamação do amor de Deus não é embasada em afirmações de poder, mas compromete ao serviço para o próximo (Mt 20.25-28).

A proclamação do Evangelho e os atos de misericórdia para Jesus andam lado a lado. Suas falas sobre o amor de Deus e a sua vida, na qual esse amor se torna experimental, formam uma unidade indissolúvel. Há um terceiro aspecto a ser acrescentado. Os Evangelhos nos transmitem Jesus não somente como um pregador do amor e como sendo uma pessoa amável, mas também como alguém que realizava os sinais da aproximação do Reino de Deus, enquanto ele curava enfermos, expulsava demônios, libertava homens da surdez e da cegueira, e até mesmo rompia o poder das morte dando vida novamente.⁸ Ao

⁷Veja ROH, Taeseong: *Die "familie dei" in den synoptischen Evangelien. Eine redaktions - und sozialgeschichtliche Untersuchung*, Freiburg Schweiz/Gottingen 2001.

⁸Que Jesus agiu como curandeiro e exorcista, por muito tempo foi considerado pelas pesquisas como uma lenda pré-pascal focada para antes da autoridade do ressurreto e rejeitada como não histórica. As ações maravilhosas de Jesus eram tidas como uma forma de adoração e proclamação do ressurreto. Por exemplo SCHMITHALS, Walter: *Wunder und Glaube*, Neukirchen 1970, 25: "As maravilhosas histórias do Novo Testamento relatam aparentemente apenas acontecimentos notáveis da vida de Jesus na terra. Na verdade, elas anunciam o que Deus, através de Jesus o Cristo, isto é o crucificado e ressuscitado Senhor da Igreja, fez nessa Igreja e quer fazer no mundo". Uma interpretação assim é uma minimização racionalista, que exclui a compreensão da época sobre possessão demoníaca e enfermidade. Theißen e Merz desenvolveram esta questão muito bem em seu livro texto "*Der Historische Jesus*": "Não só a avaliação de fenômenos, mas mesmo a sua existência e forma precisam ser ponderados socialmente. Se demônios "existem" ou não, depende da realidade social construída: se eles são cridos numa sociedade, as pessoas podem expressar os seus problemas de forma 'demonológica',

lado do pregador do amor e do praticante do amor, os evangelhos apresentam Jesus também como curador, exorcista, e libertador: Alguém que operava os sinais da vinda do Reino de Deus e que também enviou os seus discípulos e os capacitou curar os enfermos e a expulsar os demônios. (Lc 9.1ss e paralelos).

E esta tarefa nunca foi tomada de volta ou revogada. A Igreja de Cristo, a comunidade de seus seguidores, seu corpo neste mundo, tem de forma inalterada a missão de falar do amor de Deus, realizar boas obras de amor e agir emblematicamente às pessoas, que apenas vão poder experimentar a vinda do Reino de Deus, quando forem curadas de suas enfermidades e libertas de opressões e dominações, ou quando puderem experimentar, em meio às suas doenças e limitações, a dedicação amorosa.⁹ A Igreja de Cristo precisa, para agir de acordo com o seu papel, tanto o sermão de Domingo quanto a alimentação dos pobres durante a semana.

Ela precisa da confissão de fé no cotidiano e também uma postura de vida ética de cada indivíduo, que correspondam à confissão ao amor de Deus. Ela precisa também de ações concretas onde pessoas vivem uma vida

e por esta manifestação “reforçando” a tolerância ao seu comportamento, por atenção e a terapia exorcista”. Sem levar em conta a definição e construção social, não será possível tornar compreensível as enfermidades e possessões do Novo Testamento e nem as suas superações milagrosas. (THEISSEN, Gerd/MERZ, Annette: *Der Historische Jesus. Durchgesehene und um Literaturnachträge ergänzte auflage*, Göttingen 2001, 264 com referências de TRUNK, Dieter: *Der messianische Heiler*, Freiburg, 1994. O período do ministério de Jesus foi um tempo em que, tanto doenças físicas como psicológicas eram entendidas como possessões demoníacas, e por isso recebiam um tratamento exorcista. A ação poderosa dirigida pelo do curador ou exorcista era à época o método terapêutico plausível, por vezes teve o seu efeito semelhante aos comprimidos de placebo ou curas tido como milagrosas nos dias de hoje, cuja eficácia depende daquele que acredita. Também a atuação de Jesus como curador ou exorcista é, portanto, historicamente plausível ainda que os registros dos evangelhos atribuam o sucesso de sua atividade pela perspectiva do pós-pascoa.

⁹ Vide JACOB, Beate: *Heilung – Eine wesentliche Dimension des christlichen Glaubens*, em: *Evangelisches Missionswerk: Von der heilenden Kraft des Glaubens. Ein Arbeitsheft für Gemeinden und Gruppen*, Hamburg 2005: “A experiência de cura pela presença de Deus pode hoje, como já fora nos tempos de Jesus, trazer experiências incríveis: As pessoas experimentam que são amadas por Deus e são, assim capacitadas de aceitar e amar a si mesmas apesar de suas limitações. Sintomas físicos são melhorados ou curados. Onde reina a discórdia, a paz se torna possível. Pessoas que viam a criação apenas como um meio para a satisfação de suas próprias necessidades, descubrem a sua responsabilidade pela preservação da criação e lidam com ela cuidadosamente. [...] Cura neste sentido mais amplo pode ocorrer mesmo quando as pessoas são afetadas pelo sofrimento interminável, mental ou físico. Para pessoas que sofrem de doenças crônicas, para pessoas que vivem continuamente em relações difíceis, o fato de perceber-se aceita por Deus e pelo seu próximo irão experimentar uma ação libertadora, de livramento, “curadora”, no seu sentido mais profundo, apesar ou mesmo no seu sofrimento. A oração pela cura de um grave sofrimento físico, pode encontrar a sua resposta, quando o enfermo encontra a paz interior e recebe força para se apaziguar com as suas limitações e aprender a viver com elas.

sobrecarregada. A unção e bênção a doentes e oprimidos pode ser um destes sinais do Reino de Deus, ali onde a nossa ação de ajuda é restrita, mas podemos confiar em Deus que Ele mostrará que o seu poder sobrepuja todos os fardos opressores da vida.¹⁰ Tal ação concreta em nome de Deus é sempre um risco, pois o fazemos sem qualquer garantia de sucesso, mas o é possível, porque ungir e abençoar não são ações mágicas, mas sim sinais da fé confiante e a indicação das oportunidades de Deus.¹¹ É missão da Igreja de Jesus também demonstrar ações concretas onde os poderes da morte que governam o mundo estão presentes. Mesmo que a Igreja de Jesus não possa impedir as guerras sejam executadas, que pessoas sejam perseguidas e exiladas, que a criação seja arruinada e que a justiça seja triunfada pela injustiça, ela pode por manifestos de advertência e recebendo exilados em seus templos, ou instalando sistemas de captação de energia solar em seus telhados, colocar sinais que a vontade de Deus para este mundo prioriza outras coisas no lugar da guerra, da violência e da destruição. Ela tem que agir concretamente em todas as áreas da vida para deixar claro que Deus estabelecerá o seu Reino neste mundo e que então outros padrões, diferentes daquele do poder do forte ou do sucesso dos inconsequentes, serão válidos.¹²

O que significa esta primeira tese para o ministério pastoral, se temos a responsabilidade para com Igrejas de Jesus bem específicas? Como podemos assumir esta missão para nós, se ela é válida para a Igreja como um todo? Como para todos os demais cristãos a tríplice missão de anunciar o amor de Deus, também se aplica a nós como pastoras e pastores. Mas aplica-se a nós,

¹⁰ Um exemplo da aplicação desta visão sobre a práticas do aconselhamento oferece: STOREK, Bernhard: *“Die Guttat zu Ölen” (Martin Luther)*. Experiencias de um capelão hospitalar, em: *Evangelisches Missionswerk*. Sugestões para um culto de bênção e oração de bênção para enfermos (embora sem unção), formula GROSSMANN, Siegfried: *Der Heilige Geist und die Praxis unseres Glaubens*, in: ders.(Hg.): *Handbuch Heiliger Geist*. Com a contribuição de Oskar Föller, Gerhard Hörster e Gottfried Wenzelmann, Wuppertal 1999, 168-209, esp. 195-199.

¹¹ HOLLENWEGER, Walter: *Iterkulturelle Theologie*, 3ª Volume: *Geist und Materie*, München, 1988, 21-59 e HOLLENWEGER, Walter: *Heilt die Kranken!* Livro de Estudo *Arbeitsgemeinschaft Missionarischer Dienste*, Stuttgart o. J.

¹² Vide: SÖLLE, Dorothee: *Gott denken. Einführung in die Theologie*, “O critério para o que é Igreja, continua sendo o Reino de Deus; de sua proclamação se forma a Igreja, e se organiza com vistas a ele. A participação na libertação histórica do povo de Deus, por Deus, continua como critério com o qual podemos distinguir uma Igreja de um aparato de poder. ... Onde quer que Deus aja libertando, com ou através do ser humano, ali há participação no processo de libertador de Deus, o estar junto, o se deixar envolver neste processo de libertação, ali então aparece “Igreja” no sentido pleno da palavra, baseado no Reino de Deus”.

especialmente, por nossa responsabilidade espiritual para com o corpo de Cristo. Devemos aceitar esta vocação, vive-la pessoalmente, ao mesmo tempo capacitando a Igreja a cumprir a sua missão da melhor forma possível.

Que somos chamados para anunciar o Evangelho, não preciso neste ponto enfatizar ainda mais. Para isso é que fomos formados, e é isso que se espera de nós, e se não quiséssemos cumprir nossa missão, certamente já teríamos saído de nosso ministério. A pregação é o cerne do ministério do Pastor, assim como a capacitação dos membros da Igreja para a transmissão da fé faz tradicionalmente parte das nossas atribuições, ainda que cada vez se torne mais difícil encontrar os caminhos e as formas certas para isto. Que ao mesmo tempo pertença à missão do ministério pastoral, demonstrar ações de misericórdia e sinais do advento do Reino de Deus, não é tradicionalmente a expectativa das Igrejas com relação ao seu pastor ou pastora.¹³ Aqui precisamos reajustar o foco da nossa própria função. Se de acordo com a Tese 1, vemos que o dever de um pastor e de uma pastora envolve o pregar o Evangelho em palavras e ações e em atitudes concretas, então temos em nosso ministério na Igreja, ao lado da responsabilidade de pregar e ensinar segundo o Evangelho, também a responsabilidade de desenvolver e estabelecer o envolvimento diaconal da Igreja. A isto pertence todo espectro de ações concretas de misericórdia, desde uma ajuda pessoal privada ao próximo até a organização e manutenção pela Igreja de uma ação diaconal. A dimensão desta ação concreta envolve um campo bem amplo, desde a dedicação abençoadora a alguém oprimido até o engajamento político na sociedade. O que se considera aqui, é que o ministério pastoral deve externar de forma abrangente a boa vontade de Deus para este mundo.

Como pregadores do Evangelho, nós pastores e pastoras, temos como interesse intrínseco que a realidade perceptível da Igreja sustente a nossa pregação do amor de Deus e não a contradiga. Precisamos da disposição da Igreja para que, como consequência das palavras a respeito do amor e dedicação de Deus, sigam atitudes amoras; e necessitamos de igrejas, que ao

¹³ RUSCHKE, Werner M.: *“Diakonie erfahren heißt erkennen: Die Kirche lebt!”*. Eine kirchliche Sicht, em: HERMANN, Volker/HORSTMANN, Martin (Hg.): *Studienbuch Diakonik*. 2^o Volume: *Diskonisches Handeln, diakonisches Profil, diakonische Kirche*, Neukirchen – Vluyn 2006, 242-258, acusa um olhar sobre a relação entre Igreja e diaconia assim como a “autoimagem pastoral sem diaconia” (244) bem como o “perfil pastoral sem diaconia” (246), a “compreensão do crescimento de igreja com relação à falta de diaconia” (248) “a falta de liderança diaconal” (242) e “a compreensão teológica da Igreja sem diaconia” (249).

lado da mensagem de esperança, demonstram sinais da confiança no poder de Deus. Portanto, devemos assumir para nós mesmos a totalidade desta ordem para a Igreja de Jesus, equipando e capacitando nossas Igrejas para o engajamento diaconal segundo os evangelhos.¹⁴

Mas isto inclui, também, a penitência, tendo em vista a negligência desta área da nossa missão. Quando eu falo neste contexto de arrependimento, eu não penso em formulações de confissões de culpa, vestir-se com sacos e jogar cinzas sobre a cabeça, por conta das omissões do passado.¹⁵ Arrependimento significa volta, mudança, novo direcionamento. Penitência significa concretamente, tomar a consciência de uma situação e diante desta percepção levar a consequências de fato. A questão aqui é que tenhamos uma nova consciência do significado e da amplitude dos atos de misericórdia e dos sinais da vinda do Reino de Deus, e a partir de daí orientar toda a práxis ministerial e a vida a Igreja como um todo.¹⁶ E sobretudo, e especialmente, quando isto implica em superar resistências e contradições a tal realinhamento, pois as conversões e mudanças nunca são fáceis, mesmo quando necessárias.

2. A JUSTIFICAÇÃO E A SALVAÇÃO

Se a partir da Tese 1 surgiu a necessidade de uma mudança em nosso ministério, ou em nossas prioridades como Igreja, a próxima questão que se levanta é: Como é possível motivar uma Igreja a se apropriar de toda a missão de proclamar o amor de Deus e ao lado da pregação do Evangelho apresentar os atos de compaixão e os sinais da vinda do Reino de Deus? Tendo

¹⁴ Vide: *Conclusão de Schäfer em* DINKEL/SCHÄFER, *Diakonie*, 401-418, 417: “é importante esclarecer, que pessoas podem ser usadas e convidadas, para honrar com suas experiências de vida e talentos, a auxiliar com responsabilidade. Voluntários em certa medida carecem de apoio, motivação e amparo. Eles precisam de ambientes que propiciem o crescimento pessoal, envolvendo a espiritualidade e permitem uma qualificação adicional na experiência. Aos Líderes de tempo integral, nas igrejas da mesma denominação, na Convenção e nas ações diaconais organizadas em regiões, recaí a responsabilidade de arremeter e acompanhar os voluntários”.

¹⁵ Veja: BETZ, Otto: *Art. Buße a) biblisch*, in: ELThG I (1992) 334; GANTKE, Wolfgang: *Art. Buße I. Religionsgeschichtlich*, in: *RGG4I (1998) 1903-1905*.

¹⁶ Ou como Haas formula aguçadamente, em vista dos grupos de liderança da Igreja que aguçam a formulação: Cada diretoria da igreja deve ser compreendido como um corpo diaconal, ou senão, o grupo não faz jus ao nome de diretoria da igreja. A competência de liderança é uma competência diaconal ou os escolhidos para a liderança da Igreja são incompetente”. (HAAS, Hans-Stephan, *Diakonische Gemeinde*, em: HERRMANN, Volker/HORSTMANN, Martin, Livro de Estudo Diaconal. 2ª Edição: *diakonisches Handeln, diakonisches Profil, diakonische Kirche, Neukirchen – Vluyn* 2006, 304-318, citação em 307).

em vista esta pergunta, é necessário refletir teologicamente sobre a relação entre a justificação e a santificação, para não impor com motivações legalistas a questão precipitadamente à Igreja.¹⁷ Para uma correta compreensão, e para nós na tradição protestante evangélica esta correta compreensão da relação entre justificação e santificação pode ser ilustrada a partir de um breve versículo de I João, com o qual quero apresentar a minha segunda Tese:

“Nós amamos porque ele nos amou primeiro.” (1 Jo 4.19).

Tese 2:

Deus realiza a justificação do pecador pela fé, e o liberta para, por gratidão à graça de Deus, orientar a sua vida pela Palavra de Deus, e a dedicar-se ao serviço à pessoa e à obra do Reino de Deus.

Quem pensa, que podemos viver segundo a vontade de Deus sem o envolvimento diaconal, deveria fazer penitencia e juntamente com a sua Igreja começar a dedicar-se com atitudes de compaixão para a formação do mundo, ao invés de se opor ao poder transformador do amor de Deus.

A salvação do homem depende unicamente das mãos de Deus. A justificação é um presente exclusivo ao pecador, ao qual ele próprio não pode acrescentar nada, que possa ajuda-lo a justificar-se diante de Deus. É pura graça de Deus o homem ser declarado justo, portanto imerecida e sem condições de

¹⁷ Não há nada de errado que um pastor tenha uma atitude desafiadora, colocando-se diante de sua congregação com uma clara esperança, desde que permaneça claro que estes desafios são baseados nos Evangelhos e em si são uma manifestação direta do Evangelho. Por conseguinte, a precedência do Evangelho perante a lei é um elemento essencial da correta compreensão da relação entre a justificação e santificação e, assim, temos todas as formas baseadas nos evangelhos de convocação para a diaconia. Veja: BARTH, Karl: *Evangelium und Gesetz (Theologische Existenz heute 32)*, München, 1935: “Apenas isso também pode ser o significado e o conteúdo da autoridade, com os quais os membros da igreja vão ao encontro do mundo. Sempre vai girar em torno da fé em Jesus Cristo, o crucificado e a ressuscitado. Por isso nunca podem haver desafios ou convocações que não sejam oriundos de outro lugar ou tenham força legal própria: Só pode haver *testemunho*. E estes testemunhos confirmarão sempre a *graça de Deus*, que tudo realizou por nós e que na realização tem o seu contentamento. Assim, ao afirmarem isto, estes testemunhos irão admoestar, prevenir, decretar, ordenar e proibir. Eles terão força legal na medida em que agirem como “lei de Cristo” (Gal 6:2), e por conseguinte, como a “lei de fé” (Rm 3:21), e também, pela “lei do espírito da vida” (Rm 8:2)”.

merecer a doação amorosa de Deus. Como pecadores agraciados não podemos acrescentar nada a este ato salvífico de Deus. Não podemos sequer desfazer o mesmo, pois na encarnação do Filho, em Sua vida, Seu sofrimento, Sua morte e Sua ressurreição, Deus colocou as bases desta salvação, e revelou a sua boa vontade para com a humanidade e sua criação de forma irrevogável. Como pessoas podemos apenas receber a declaração desta salvação e simplesmente aceitar a nossa redenção pela fé. Onde nós rejeitamos as promessas do Evangelho e nos fechamos para o ato consumado da redenção, mesmo assim não podemos torná-la ineficaz. Podemos, no máximo, continuar a viver como pecadores não justificados, nem perdoados e nem amados por Deus.¹⁸

Onde as pessoas aceitam pela fé a declaração de salvação, elas experimentam o fato de serem aceitas e declaradas justas, o que produz um sentimento de profunda gratidão da parte do pecador agraciado diante de Deus gracioso e misericordioso. E também essa fé é um presente, e a gratidão a ela relacionada, um dom do Espírito Santo. Mas é exatamente aí que reside a libertação das pessoas para uma vida que se orienta pela boa vontade de Deus, e que se esforça a corresponder à graça experimentada. “Nós amamos porque ele nos amou primeiro”. (1 João 4:19) O amor de Deus experimentado é o ponto de partida de um amor vivenciado e passado adiante.¹⁹ A justificação experimentada é a base de todo o esforço em favor da santificação.²⁰ Por termos sido alvos da proclamação da Palavra de Deus, anunciamos o Evangelho adiante, por termos

¹⁸ Vide BARTH, Karl: KD III,2, 36ss.

¹⁹ Pannenberg vê no amor a Deus e no amor ao próximo uma “participação” do crente no amor de Deus: “nos dois relacionamentos, portanto, o ser humano é inserido no movimento do amor de Deus, mas em aspectos diferentes: no amor a Deus pela resposta a este amor divino realizada pelo Espírito Santo, tomando parte na vida intrínseca da vida trinitária de Deus, no relacionamento recíproco entre Pai, Filho e Espírito. Através do amor ao próximo ele participa da ação do Deus trinitário para com a criação, reconciliação e consumação do mundo. [...] E mesmo assim, no o amor a Deus e no amor ao próximo não se trata de duas realidades distintas, mas dois aspectos da participação humana, em um e o mesmo amor de Deus, o qual segundo R. 5,5 é derramado através do Espírito Santo no coração do crente”. (PANNENBERG, Wolfhart: *Systematische Theologie*, 3^o Volume, Göttingen 1993, 218).

²⁰ Vide: FRISCHE, Reinhard: *Art. Heilung b) Systematisch-theologisch*, (1993), 878-879, 878: “Santificação é – como a sua contrapartida a justificação, e como uma consequência necessária para a remissão dos pecados – em primeira linha um trabalho de Deus, especialmente um trabalho do Espírito Santo. [...] Assim são finalmente, a misericórdia e a bondade de Deus, a base e a força para a santificação”. Mesmo se o conceito “santificação” dificilmente é utilizado hoje, ele permanece no contexto Batista como uma herança do movimento de santidade, que coloca ao lado da fé salvadora a expectativa e o esforço de manifestar a fé por meio de atitudes que correspondam ao Evangelho, e desta forma proclama o Evangelho de por meio de uma vida exemplar..

experimentado a graça e misericórdia do Senhor, é porque podemos aceitar ao outro e nos ocupar com as suas necessidades e preocupações, e porque podemos ter experiências com o poder de Deus e as Suas possibilidades, é que podemos nos motivar ousadamente a realizar sinais da vinda do Reino de Deus.

Onde em nossas igrejas o evangelho é pregado com alegria e como a boa mensagem do amor de Deus, ali também cresce o desejo de amar e conviver com os outros em liberdade e alegria. Apenas onde o amor do Senhor ao pecador é pregado consistentemente, e da mesma forma consistentemente é vivido, onde se renuncia a qualquer forma de legalismo, e a aceitação é praticada sem preconceitos, é onde se desenvolve uma gratidão, que leva o pecador a reconhecer a sua situação diante de Deus e a disposição de mudar sua vida.²¹ Então, aquele que, apesar de seus erros e pecados, foi amado, se torna em alguém que ama, e por isso, não olha para os erros e pecados dos outros, mas olha o que eles precisam a fim de experimentar o amor de Deus. A comunidade de pecadores justificados tomada pelo amor de Deus esforçar-se-á a viver segundo a vontade de Deus, não por tradição, nem por obrigação ou medo, mas por pura gratidão diante de Deus. Esta comunidade conduzirá a sua vida segundo a Palavra de Deus, tanto no privado quanto na vida comunitária, descobrindo que a sua missão compreende importar-se pelo próximo e as suas necessidades, e construindo este mundo de tal modo que os padrões do Reino de Deus venham a ser praticados.

O que isso, novamente, significa para o nosso serviço como pastoras e pastores da Convenção de Igrejas Evangélicas Livres? Nós também devemos, antes de tudo, deixar anunciar a nós mesmos este amor imerecido e impossível de ser merecido. Podemos aceitar a consolação do Evangelho, de que Deus nos aceita, nos justifica, independente se de fato somos representantes fidedignos de seu amor ou não. Vale também para nós, os líderes espirituais, pregar às nossas congregações a convicção pessoal de que somos pecadores justificados

²¹ Para falar do pecado baseado no aspecto da soteriologia, vide: BARTH, Karl: KD III,2, 39: “A doutrina do pecado se encaixa no contexto da doutrina da reconciliação. Isto é, o que e quando se fala em pecado, em primeiro lugar e sempre de novo deve ser considerado. O que saberíamos do pecado se não soubéssemos da reconciliação, se a Palavra de Deus, que nos ensina sobre o pecado humano, não fosse a Palavra da reconciliação, decisiva e abrangente. O que significa, o ser humano ser pecador, apenas pode ser julgado e visto, a partir da realidade que Deus é misericordioso para com ele”.

por Deus.²² E esta consolação pode desencadear em nós, como em cada um dos membros da Igreja, gratidão e a disposição para santificação. Também nós podemos nos deixar libertar para uma ação sem constrangimento, pois uma piedade orientada no amor de Deus, se traduz em atitudes concretas de misericórdia e na façanha de, em nome de Deus, demonstrar os sinais da vinda do Seu Reino.

Nem sempre é fácil, como pregadores do evangelho, atribuir a si mesmo o que se prega. Isto inclui a libertador, e ao mesmo tempo perturbadora experiência de reconhecer a própria insignificância. O experimentar o amor de Deus, que leva a amar ao outro, não faz parte de nós. Não faz parte nem de nossa piedade ou da nossa diligência, nem do nosso brilho retórico ou de nossos conceitos ou planejamentos. Isso depende do fato de que o amor e a graça de Deus se revelem e de que é Ele quem inspira e capacita pessoas. Ao mesmo tempo, continua sendo nossa responsabilidade, não prejudicar este processo por nossas pregações ou por nossas vidas, mas servir a Ele onde sempre nos for possível.

Quando pregamos o amor de Deus e sua compaixão, então devemos fazer isso a partir de nossas próprias experiências com este amor. Enquanto isso, nós podemos descobrir onde estão as raízes da nossa própria gratidão a Deus, e onde em nosso ministério e na nossa vida privada estamos sendo desafiados a dar amor e manifestarmos a misericórdia. Somos desafiados a sempre de novo nos confrontar com a relação que há entre a justificação e a santificação, e a partir de então, por gratidão a Deus, nos voltarmos ao próximo e auxiliar assim na construção do Reino de Deus. Experimentar o amor de Deus impulsiona para a santificação. É nossa missão, pessoalmente não recusar este poder transformador, e, ali onde houver resistência por parte do outro, com persistente amor e dedicação incondicional permitir que ele, com ações de amor, possa dar resposta à Deus por Sua graça. Mesmo a nossa ação sempre seja incompleta, somos ainda assim desafiados, com confiança nas possibilidades de Deus, a sempre tentar de novo.

²² Vide HERBST, Michael: *Missionarischer Gemeindeaufbau in der Volkskirche*, 1987, 316, fala a este respeito de uma “obviedade teológica”, que está ligada com “uma certa timidez”, e é esperado mesmo de “cristãos profissionais com provas de fé ou até mesmo com a incredulidade”.

3. O JUÍZO DE DEUS SOBRE AS OBRAS

Tudo o que até agora foi apresentado a respeito do amor Deus, que pode nos motivar a fazer boas obras, e sobre que a justificação nos impulsiona para a santificação, estava conscientemente debaixo da pressuposição de que o homem não pode contribuir em nada para a sua salvação. Mesmo assim, encontramos, nas duas partes de nossa Bíblia, no Antigo e no Novo Testamento, a imagem de um Deus juiz, que no Dia do Juízo, medirá as pessoas pelas suas obras de misericórdia que tenham praticado ou deixado de praticar. E isto se aplica, segundo as palavras de Paulo, em 2 Co 5:10, para cada pecador justificado na Igreja de Jesus, como também para cada pastor e pastora:

“Pois é necessário que todos sejamos apresentados diante do tribunal de Cristo, para que cada um receba retribuição pelo que fez por meio do corpo, de acordo com o que praticou, seja o bem, seja o mal.” (2 Co. 5.10).

Tese 3:

A confiança na graça justificadora de Deus concede certeza da salvação e a disposição de edificar a sua própria vida na consciência de que Cristo vai julgar todas as pessoas de acordo com as suas obras de misericórdia que tenham praticado ou omitido.

Quem pensa não precisar das boas obras para chegar como justo diante de Deus, deve fazer penitência e juntamente com a sua Igreja voltar a praticar as obras de misericórdia, pois mesmo o pecador que através da fé foi aceito por Deus, terá que responder pela sua vida diante do trono de juízo de Cristo.

Se em nossa proclamação do evangelho colocarmos como ponto central a graça de Deus revelada em Jesus Cristo, e o amor de Deus como o centro de nossas pregações e como ponto de partido para a constituição de nossa vida, ainda assim fica em aberto a pergunta sobre como nos apresentaremos, no final, diante de Deus com a vida que vivemos. Esta questão, a mensagem

da graça justificadora de Deus não responde. O Evangelho nos garante a aceitação e a certeza da salvação, quando confiamos no amor e na misericórdia de Deus e não em nossos feitos e méritos. A esta certeza de salvação está ligada também a consciência, a fim de que o nosso estilo de vida não seja levado pela arbitrariedade. A aceitação do pecador justificado e a convicção graciosa de que Deus, apesar de todos os nossos pecados, nos dará acesso à sua glória eterna, deve ser distinguido do fato de que também nós daremos conta sobre a nossa vida no Dia do Juízo diante de Deus. E nesta questão os critérios são claros. Se observados os textos bíblicos referentes ao tema do Juízo, sempre de novo será encontrado o critério das boas obras de misericórdia, para o juízo de Deus.

Pertence à figura de Deus para Israel, como mostra Salmo 82, que Yaweh²³ levanta-se no conselho dos deuses e dá sua sentença de morte aos outros deuses, pois eles como deuses não se importaram em fazer justiça aos pobres e os órfãos, e nem em auxiliar os miseráveis e necessitados.²⁴ O Deus de Israel é descrito como “Pai para os órfãos e defensor das viúvas” (Salmos 68:6) e conseqüentemente tem-se formulada e instituída a lei divina, como regulamento de proteção social em Israel para viúvas, órfãos, pobres e estrangeiros (p.e. Lv. 19).²⁵ Também nas mensagens proféticas no tempo dos Reis há um repetido anúncio do juízo de Deus contra aqueles que fazem a opressão social e a quebra da justiça, em favor do benefício dos ricos e poderosos, ou ao invés de cuidar da justiça na nação, se dedicavam apenas a uma piedade cultural.²⁶ E quando, no Evangelho de Mateus, Jesus fala do

²³ Salmos 82 pertence à parte do Saltério, que conseqüentemente substituiu o nome “Yaweh” por Elohim (Deus). Assim o texto original do Salmo 82 também deve ter tido escrito o nome de Yaweh. Vide: KRAUSS, Hans-Joachim: *Psalmen 2 Teilband. Psalm 60-150*. Neukirchen-Vluyn 1978, 734; ZANGER, Erich: *Ich will die Morgenröte wecken. Psalmauslegungen 2*, Freiburg i.Br./Basel/Wien 1991 (Neuausgabe 1994), 111.

²⁴ Vide: MOLTMANN, Jürgen: *Psalm 82: Gerechtigkeit – das Maß der Götter. Eine Predigt*, in: ders.: “Sein Name ist Gerechtigkeit” *Neue Beiträge zur christlichen Gotteslehre*, Güterloh 2008, 110-117.

²⁵ Vide: WELKER, Michael: *Erbarmen und soziale Identität*, (1986) 39-42: “A lei quer tornar a misericórdia uma rotina. A misericórdia deve ser retirada da mera arbitrariedade, do lugar comum, das ações casuais ou do comportamento emocional ou das situações padrões. Certamente a misericórdia deve ser aguardada”. (aaO. 40) Vide também a respeito: CRÜSEMANN, Frank: *Das Alte Testament als Grundlage der Diakonie*, em: HERRMANN, Volker/HORSTMANN, Martin (Hg.): *Studienbuch Diakonie*. 1º Volume: *Biblische, historische und theologische Zugänge zur Diakonie*, Neukirchen-Vluyn 2006, 58-57, esp. 69-77.

²⁶ Vide: ALBERTZ, Rainer: *Religionsgeschichte Israels*, 1º volume (ATD Erg. 8/1), Göttingen 1992, vê a conexão entre a justiça social e o relacionamento com Deus o núcleo teológico da crítica social profética: “Com a injustiça, que acomete toda a sociedade dos israelitas, o

tribunal do filho do homem, o critério decisivo aqui também são as ações de misericórdia que cada um praticou ou omitiu ao longo de sua vida (veja Mt 25:31-46).²⁷

Iria muito longo, neste ponto, discutir a respeito de como estes textos poderiam ser utilizados teologicamente, para pregar uma justiça a partir das obras. É indiscutível, porém, que essa percepção de um julgamento das pessoas de acordo com as suas boas ou más obras, é considerada bíblica mesmo onde claramente é exposta a justificação unicamente pela fé. Também Paulo, a testemunha máxima de uma justificação advinda unicamente da graça e da fé, declara à sua Igreja em Corinto que a sua motivação para uma vida dedicada que agrade a Deus é: “Pois todos nós devemos comparecer perante o tribunal de Cristo, para que cada um receba de acordo com as obras praticadas por meio do corpo, quer sejam boas quer sejam más.” (2 Co 5. 10). Com isso ele assume que este julgamento das obras será um processo doloroso, se o veredito de Deus sobre a vida de uma pessoa quanto a sua participação na construção do Reino de Deus for negativo. A salvação do crente não é aqui questionada. Esta permanece segura, pois as obras más desaparecerão. Ou, para dizê-lo com as palavras de Paulo: “a obra de cada um se manifestará; pois aquele dia a demonstrará, porque será revelada pelo fogo, e o fogo testará a obra de cada um. Se a obra que alguém construiu permanecer, este receberá recompensa. Se a obra de alguém se queimar, este sofrerá prejuízo, mas será salvo, como alguém que passa pelo fogo.” (1 Co. 3.13-15).²⁸

relacionamento de Israel como um todo está em jogo. Assim se torna explicável a divergência entre as partes, sobre as acusações sociais— dirigida contra à classe alta - e da que abrange todo o povo, o anúncio da chegada do juízo: para os profetas o futuro de Israel como um todo se decide a partir da questão sobre a justiça social, se os responsáveis não assumirem a sua culpa reprimida imediatamente e mudarem o seu comportamento. Quanto ao pano de fundo histórico social da crítica cultural e profética, compare o artigo bem esclarecedor de FENDLER, Marianne: *Zur Sozialkritik des Amos. Versuch einer wirtschafts – und sozialgeschichtlichen Interpretation alttestamentlicher Texte*, em *EvTh* 33 (1973) 32-53.

²⁷ Para a compreensão do alcance universal do juízo relatado em Mateus, veja: THEISEN, Gerd: *Die Rede vom Weltgericht (Mt 25:31-46) Universales Hilfsethos gegenüber allen Menschen?* Em: GÖTZELMANN, Arnd/HERRMANN, Volker/STEIN, Jürgen: *Diakonie der Versöhnung. Ethische Reflexion und soziale Arbeit in ökumenischer Verantwortung. Festschrift für Theodor Strohm*, Stuttgart 1998, 60-70.

²⁸ Vide: SCHRAGE, Wolfgang: *Des erste Brief an die Korinther 1 Teilband 1 Kor 1:1-6, (EKK VII/1)*, Zürich/Braunschweig/Neukirchen-Vluyn 1991, 303s: “Esta passagem serviu por muito tempo na tradição como fundamento da doutrina do purgatório, o que na exegese moderna é praticamente negado por unanimidade, e com razão. No purgatório pelo fogo é tido como pressuposto que o culpado é purificado pelo fogo, sendo que aqui ele é resgatado do fogo de Deus (“como que através do fogo” refere-se à salvação não a uma punição) [...]. O que significa:

Muitas vezes, temos reprimido em nossas Igrejas a pregação de um julgamento de Deus sobre nossas obras, porque não parece se encaixar com a mensagem a respeito de um Deus amoroso e misericordioso. Mas mesmo no juízo sobre as obras trata-se de amor. Trata-se do amor divino, que, a despeito de todas as obras más do ser humano, prevalecerá, e por este somos desafiados a nesta vida, a amar a cada novo dia.²⁹

A ideia de que haverá uma prestação de contas sobre nossas ações, as boas e as más, as ações de misericórdia praticadas ou as omitidas, é o outro lado da tríplice missão de anunciar o amor de Deus. É justamente na certeza da salvação, que devemos ter, que não podemos levar a nossa vida de forma indiferente. Deus honra a nossa vida através de seu julgamento, Ele destruirá em nossas ações o que não tem consistência, pois contradiz a vontade de Deus e nos é prometida uma recompensa pelas ações que estão em harmonia com a vontade de Deus e a nossa missão neste mundo. O veredito é pronunciado sobre as obras do pecador, a salvação nos é dada, apesar de todas as obras, que nós pecadores, praticamos ou omitimos.

Mas aqui novamente se levanta a questão: o que estas considerações significam para o serviço pastoral? Ao lado da pregação do perdão que é oferecido por Cristo pertence, indissolavelmente, a pregação da responsabilidade de cada um pela sua própria vida. Temos de pregar, em razão do amor, não só a promessa de salvação, mas também o julgamento iminente. Reter essa mensagem diante de nossas Igrejas, significaria limitar a visão sobre o Deus bíblico e a perspectiva da figura humana. Que existem critérios muito claros para uma vida bem-sucedida e que a nossa vida está sujeita ao fato de que seremos medidos sobre até que ponto praticamos ou omitimos as ações de misericórdia, faz parte da proclamação completa do Evangelho e de uma ética baseada na Bíblia tanto para a vida pessoal quanto

Como uma lenha carbonizada recém puxada para fora do fogo, assim também escapará por pouco a todo custo aquele, cujas obras se queimam”.

²⁹ Vide: MOLTMANN, Jürgen: Sonne der Gerechtigkeit. Das Evangelium vom Gericht und der Neuschöpfung aller Dinge, em: *“Sein Name ist Gerechtigkeit” Neue Beiträge zur christlichen Gotteslehre*, Güterloh 2008, 118-136. *“Qual é o propósito do tribunal de Cristo? O propósito de levantar as vítimas e da restauração do infrator não é o ajuste de contas entre graça e punição, mas a vitória da justiça criativa do Deus sobre todo ateísmo no céu, na terra e debaixo da terra [...]. Definitiva será apenas a nova, a criação eterna, criada com base na justiça. Por este tribunal servir para todas as coisas, a sua justiça não está relacionada apenas com o passado, declaratória e retributiva, mas é relacionado com o futuro, uma justiça criativa, justa, curativa e restauradora”.* (MOLTMANN, *Sonne*, 127 [Herv.i.Org.]).

para a comunitária.³⁰

Quando, como pastoras e pastores, proclamamos a Jesus não só como nosso Salvador, mas também como um juiz, que julgará a vida de cada uma das pessoas pelas obras de misericórdia que terá praticado ou omitido junto ao mais pequenino dos irmãos, isto não trará apenas uma mudança no conhecimento na Igreja. A Igreja deve não só aprender e conhecer que estará sujeita a mais um julgamento. O que se trata aqui é que o critério do julgamento divino se torne o critério para a nossa vida e para a definição de prioridades no trabalho da Igreja. Se Deus vai julgar a nossa vida e as nossas ações por este critério e por nenhum outro, então deveríamos começar imediatamente a avaliar o nosso trabalho e a nossa por este critério. Se Jesus nos perguntar a respeito do que temos feito a um de seus mais pequeninos irmãos, devemos nos perguntar hoje o que podemos a esse respeito. Se Deus julgará o trabalho da Igreja, sobre até que ponto os pobres e injustiçados, os marginalizados e os desfavorecidos, foram servidos em seu sofrimento e amenizadas as suas necessidades, deveríamos então avaliar sob estes critérios, a partir de hoje, as nossas metas colocadas para o planejamento e elaboração do orçamento de nossas Igrejas.

Aplica-se aqui novamente, que penitência não é mostrar contrição, mas fazer “mea culpa, mea máxima culpa”, mas apropriar-se de uma nova perspectiva, repensar e, em seguida, direcionar a ação em uma direção diferente, ou seja, converter. Isto implica, muitas vezes, recolocar como ponto central do trabalho da Igreja as ações concretas de misericórdia. Projetos e iniciativas diaconais não apenas tolerar e acompanhar, mas coloca-las como centro da Igreja. Diaconia não é algo que a Igreja poderá fazer como uma ação paralela. Diaconia é o elemento irrenunciável e central da missão da Igreja, como um corpo de Cristo³¹, porque é a parte da nossa missão, pela qual

³⁰ Portanto, uma vez que até então o tribunal de Cristo tenha sido pregado na maior parte como um Tribunal de retaliação e penal, e não como de restauração, da justiça da eterna salvação, cabe aqui novamente colocar como ponto central, o discurso do tribunal do amor de Deus, pois “a imagem de um Deus que julga as pessoas com raiva tem causado muito infortúnio emocional. Nos moribundos têm intensificado o medo mortal pelos medos do inferno. A imagem de um tribunal penal de Deus sempre foi uma mensagem ameaçadora. Com isso alguns mergulharam em dúvidas pessoais profundas, enquanto outros rejeitaram a fé em Deus definitivamente”. (MOLTMANN, *Sonne* 124) Ao invés disso, uma função da pregação sobre o tribunal orientada pela ética poderá levar o infrator encontrar o caminho da conversão e fortalecer a esperança de que no fim a justiça de Deus prevalecerá.

³¹ Daí que Haslinger pode dizer da Diaconia que ela é uma “dimensão indispensável e universal

seremos julgados no tribunal de Deus.

Para mim não existe contradição entre a motivação para uma vida orientada ao próximo advinda da gratidão pela justificação recebida, e a apropriação da perspectiva, do muito que podemos fazer para Deus, por gratidão, o mais importante sejam as ações de misericórdia.³² Somos salvos unicamente pela graça. Certeza da salvação temos apenas pela fé. Mas uma vida conduzida segundo a vontade de Deus, somente será possível praticando as boas obras.

4. O ESPÍRITO SANTO E OS NECESSITADOS

Nós já refletimos muito sobre o amor de Deus, a misericórdia de Deus e da resposta correspondente das pessoas por meio de ações de misericórdia e os sinais da chegada do Reino de Deus, mas sobre esta nova ênfase de uma vida segundo o Evangelho, devemos ter cuidado para não criar um novo legalismo na pregação da Palavra. Com toda ênfase sobre a necessidade de praticar as boas, deve-se conscientizar, que isto não está baseado na capacidade humana. É preciso mais do que uma nova motivação e um maior esforço, para que as nossas Igrejas aceitem e vivam a sua missão diaconal. É preciso mais do que pessoas com dedicação em tempo integral, que se engajam vigorosamente neste assunto, que promovam e incentivem projetos e iniciativas de ações sociais, fundando Instituições Sociais. São necessários um novo entusiasmo e uma nova motivação da Igreja, pois se o Espírito de Deus não impelir e capacitar a Igreja para esta renovada atuação diaconal, nada essencialmente novo acontecerá.

Devemos sempre manter diante de nossos olhos que o Espírito de Deus deseja conduzir a nós e nossas Igrejas para que voltemos nossa atenção para as necessidades das pessoas, pois ele é o Espírito do Deus amoroso e misericordioso, um Espírito de conforto e socorro para os pobres e vulneráveis. Tenho, portanto, baseada a quarta tese em dois versículos do capítulo 61 do livro de Isaías. É uma palavra Bíblica, que conforme evangelho de Lucas (Lc 4:16-21), Jesus se apropria dela para descrever a sua missão.

da fé cristã”. HASLINGER, Herbert: *Diakonie zwischen Mensch, Kirche und Gesellschaft. Eine praktisch-theologische Untersuchung der diakonischen Praxis unter dem Kriterium des Subjektseins des Menschen*, Würzburg 1996, 693.

³² Vide minhas explicações em: DZIEWAS, Ralf: *Botschafter des Erbarmens – zur diakonischen und gesellschaftspolitischen Aufgabe freikirchlicher Gemeinden*, e também: ORTMANN, Yvonne/RÖSLER, Seibert, THOMAS: *Glaube – Liebe – Hoffnung. Christen im 21. Jahrhundert*, Kassel 2009, 174-180.

O Espírito do Soberano Senhor está sobre mim porque o Senhor ungiu-me para levar boas notícias aos pobres. Enviou-me para cuidar dos que estão com o coração quebrantado, anunciar liberdade aos cativos e libertação das trevas aos prisioneiros, para proclamar o ano da bondade do Senhor e o dia da vingança do nosso Deus; para consolar todos os que andam tristes. (Is. 61.1ss).

Tese 4:

O Espírito Santo capacita a Igreja para reconhecer a necessidade e a calamidade no mundo, a admitir o sofrimento dos fracos, a acolher os desprezados e marginalizadas da sociedade, e a fazer justiça aos oprimidos e injustiçados.

Quem pensa que pode ter uma vida dirigida pelo Espírito de Deus sem se engajar na diaconia, deve fazer penitência e junto com a sua Igreja voltar-se novamente para a miséria do mundo, ao invés de procrastinar a permissão ao Espírito Santo de agir em sua vida.

O Espírito Santo, o Espírito do Deus de Israel, o Pai de Cristo Jesus é um espírito de consolação, um espírito de libertação, de aceitação, de justiça e misericórdia, pois aquele que o envia, é um Deus da consolação, da libertação e aceitação, da justiça e misericórdia. E onde este Espírito de Deus age, onde pessoas são cheias deste Espírito, ali se consola, acontece libertação, se experimenta a aceitação e se batalha por justiça em favor daqueles que vivem em sofrimento, necessidade e excluídos.³³

O Espírito Santo é, segundo a sua essência, um espírito de diaconia. Um espírito que nos dá a clareza analítica de perceber a necessidade e a miséria. É ele que nos concede a empatia emocional, que nos faz sensíveis a essa necessidade e que nos impulsiona em direção aos pobres e excluídos em

³³ WELKER, Michael: *Der Heilige Geist*, em: *EvTh* 49 (1989) 126-141 com referência a Isaías 11:1, 42:1-3, 61:1ss. torna isto claro com o exemplo da profecia do Antigo Testamento que se opõe à “chamada de ameaça de Israel a partir de dentro”. “A ameaça repousa sobre a erosão aberta e continuada de uma ordem, que não tem em vista a sua constante regeneração e o ganho de lealdade voltada aos fracos e marginalizados. O que tem o Espírito, sobre o qual repousa o Espírito de Jahwé, é descrito como aquele que executa o direito e a justiça em favor dos pequenos e pobres, e assim concebe tamanha lealdade”. (WELKER, *Geist* 131).

nossa sociedade.³⁴ E é, em última análise, este Santo Espírito de Deus que em nossos esforços diaconais nos capacita com poder e perseverança, dando resistência não apenas no enfrentamento da luta pela justiça e pela superação da necessidade e miséria, mas também a continuar batalhando mesmo diante das oposições até que Deus estabeleça o Seu Reino de justiça.³⁵

A ação de Deus para conosco não acaba com a nossa justificação, Ele também nos capacita pelo seu Espírito para nossa santificação e, assim, para as boas obras, que ele exige de nós.³⁶ O que se trata aqui, por conseguinte, é abrir-se para esta ação do Espírito, não se criar resistência a Ele, mas deixar-se envolver nas tarefas que Deus nos coloca diante dos pés, as quais podemos reconhecer e acatar, por termos o Seu apoio para isso.

Infelizmente, temos colocado a ação do Espírito Santo no ponto de partida de disputas teológicas e criado “inimigos”, quando na verdade o Espírito de Deus cria unidade. Por isso existe a acusação, especialmente àqueles que falam em um avivamento da Igreja, de que este avivamento trata apenas da espiritualidade pessoal e da Igreja, enquanto na posição oposta, existe a acusação de que aqueles que fortemente se engajam na missão diaconal e na política social da Igreja de Jesus, não estão interessados num avivamento espiritual. Esta confrontação, porém, é fatal, pois de um lado retira a meta de um avivamento espiritual, que no fim também terá uma piedade renovada expressa inclusive em ações de misericórdia, e por outro lado retira o foco da necessidade de uma piedade renovada em favor de um engajamento diaconal e a luta da política social por uma sociedade justa e a preservação da natureza, com a necessária suplantação de obstáculos.

Qualquer avivamento vivenciado diariamente numa piedade pessoal e

³⁴Vide: ZELLERFELD-Held, PAUL-Hermann: *Solidarische Gemeinde. Ein Praxisbuch für diakonische Gemeindeentwicklung*, Neuendettelsau 2002, 27: “No início da diaconia não havia ação, era apenas uma contemplação diaconal, que é perceber, o contemplar, o ouvir, olhar para o sofrimento do mundo e o lamento dos que sofrem”.

³⁵ Vide: POMPEY, Heinrich/ROSS, Paul-Stefan: *Kirche für andere. Handbuch für eine diakonische Praxis*, Mainz 1998, 198: “A perspectiva do propósito da diaconia é uma justiça, que consiste em que todos os fracos e os que sofrem recebam apoio solidário tal, cuja ajuda pode fazê-los superar os seus problemas. Esta perspectiva significa mais do que uma relativa equalização de princípios opostos dentro dos sistemas sociais existentes, mas visa a real utopia de uma sociedade radicalmente diferente”.

³⁶ Veja: MOLTMANN, Jürgen: *Der Geist des Lebens. Eine ganzheitliche Pneumatologie*, München 1991, 189: “Santificação é seguir a Jesus e receber a vida no Espírito de Deus. [...] podemos descrever a santificação da vida do crente como o viver segundo o padrão de Deus. Com isto o objetivo é claro: a restauração da *imagem de Deus* no homem a partir de seu lado.” [Herv. i. Orig.].

vida em comunidade, será avaliado, por fim, pelos critérios estabelecidos por Cristo. Ele nos conduz a dar resposta por ações que correspondem a graça de Deus, que se mostrou através de Jesus? Ele corrobora para que proclamemos o Evangelho do amor de Deus, façamos obras de compaixão e realizemos os sinais da vinda do Reino de Deus? É para isto que o Espírito de Deus nos capacita, desde que não nos opomos à Sua ação. E onde nos abrimos a esta ação do Espírito de Deus, não há contradição entre a exigência de uma renovação espiritual da Igreja e uma nova ênfase na sua responsabilidade diaconal e política.

Para o nosso ministério pastoral esta tese significa que podemos nos expor à ideia de que o Espírito Santo, pela sua ação, quer mudar a Igreja. Mas uma renovação espiritual da Igreja nestes termos levará a uma renovação do engajamento diaconal da Igreja, se este avivamento for no Espírito de Deus, que se revela como o Deus de amor e misericórdia, colocando-se ao lado dos necessitados. O próximo avivamento será um avivamento com ênfase na diaconia, ou ele não será uma obra do Espírito Santo. Apenas a reconsideração da missão diaconal dará novo fôlego de vida a igrejas que estão morrendo.³⁷ O Espírito de Deus desperta para o amor pessoas encurvadas sob o egocentrismo, e por isso, vai acabar nos impulsionando sempre em direção daqueles que estão em necessidade. O Espírito do Deus amoroso nos conduz em direção ao próximo, a quem devemos amar, pois assim nos capacita a fazer a vontade de Deus.

Devemos trabalhar na conscientização da unidade por um novo despertar para a renovação espiritual da Igreja e do compromisso do engajamento diaconal, e temos que fazê-lo de ambos os lados. Precisamos de uma teologia do Espírito Santo e de diaconia renovada. Precisamos de novas canções em que esta relação é formulada de tal maneira, que as nossas comunidades possam

³⁷ Portanto, Haas pode afirmar que a diaconia é uma “função indispensável para a vida” da Igreja: “Como o sistema circulatório nos seres humanos assim a diaconia é uma função de sobrevivência, sem a qual a Igreja não pode viver. Como num colapso circulatório pode levar algum tempo até a parada cardíaca ou a morte cerebral, assim pode passar um certo tempo até que uma Igreja sem diaconia se encontre rija como um cadáver. Mas o processo de morte já se instalou”. (HAAS, Hanns-Stephan: *Diakonische Gemeinde*, em: HERRMANN, Volker/HORSTMAN, Martin: *Studienbuch Diakonik*. 2ª Volume: *Diakonisches Handeln, diakonisches Profil, diakonische Kirche*, Neukirchen-Vluyn 2006, 304-318, citação 308). Mas em razão da possibilidade do sopro de vida através do Espírito do Deus vivo, ainda existe a esperança, de que os processos de morte sejam revertidos e mesmo Igrejas mortas possam ser trazidas de volta à vida.

internalizar a ideia de que o engajamento em favor do mundo amado por ele, faz parte do louvor a Deus. Precisamos de cultos que unam intimamente a adoração à Deus e a intercessão pelas necessidades do mundo.³⁸ Precisamos de liturgias com unção e bênção que consolam pessoas e asseguram o agir de Deus, fazendo-as experimentar que a comunidade de fiéis está disposta a ajudar os sobrecarregados. Precisamos abençoar pessoas que optam por envolver-se politicamente ou que atuam profissionalmente em ações sociais como resultado de sua fé, e carecemos de uma consciência diaconal em todos os grupos familiares e departamentos da Igreja.

Engajamento diaconal não é apenas algo para os robustos aposentados precoces que estão à procura de um novo campo de atividade. A aprendizagem diaconal começa na infância, quando as crianças aprendem na Escola Bíblica Dominical que elas podem ajudar, por exemplo, através de fundos recolhidos para um centro social na África, um lar para crianças na cidade, ou para uma associação de preservação da natureza. Também um Grupo da Terceira Idade pode perguntar-se a necessidade específica na cidade ele pode aliviar, ou o que pode contribuir para a redução da solidão de idosos ou o apoio a um projeto social da juventude. O coro da Igreja ainda canta regularmente no lar de idosos? Textos sobre a diaconia estão listados como temas para o Ensino Bíblico da Igreja, cultos de oração e grupos de Estudo Bíblico nos lares? O ideal seria se cada departamento da Igreja soubesse a missão diaconal da Igreja como um todo e conscientemente fizesse sua própria contribuição.

O Espírito de Deus é muito criativo em abrir não só os nossos olhos para as necessidades do mundo, mas sempre nos mostra novas e velhas formas de diaconia e compromisso social onde cada um na comunidade pode encontrar seu lugar. Um avivamento assim, motivado pelo Espírito Santo em nossas Igrejas, também vai exigir um novo alinhamento dos líderes espirituais de tempo integral. De repente, serão postas novas prioridades na pregação, ensino

³⁸ Vide: MÜLLER-FAHRENHOLZ, Geiko: *Erwecke die Welt. Unser Glaube an Gottes Geist in dieser bedrohten Zeit*, Gütersloh 1993, 140: “Que a intercessão é uma fonte de grande alcance do Pneuma, para alguns grupos ativistas é tido como um falso misticismo. Que a vida cristã pode ser compreendida como uma resistência contra os sistemas injustos deste mundo, para muitas Igrejas acomodadas isto se tornou uma impertinência demasiadamente grande. Mas a intercessão não é um exercício de piedade fácil. Pelo contrário, carece de uma consciência política aguçada, um perseverante estudo da injustiça encoberta e uma manifestação publica corajosa. Vendo assim, por exemplo, a *Amnesty International* e a *Aktion von Christen für die Abschaffung der Folter* (ACAT) [Ação Cristã para a Abolição da Tortura] são organizações globais de intercessão, e seus trabalhos persistentes são admiráveis”.

e aconselhamento pastoral. Tal renovação espiritual vai mudar fortemente a vocação Pastoral. A competência na administração de projetos sociais e o desenvolvimento de organizações e a formação de pessoal em iniciativas diaconais se tornará cada vez mais importante. Se a minha apresentação tem o título de: “O Pastor como diácono”, é justamente porque a descrição da vocação de pastoras e pastores vai mudar para esta direção, se nos abirmos à ação do Espírito de Deus. Então se tornará uma competência central da espiritualidade pastoral, perceber as necessidades nos arredores da Igreja, abrir os olhos de outros, para voluntariamente se entusiasmarem por projetos sociais, treinar obreiros para as tarefas diaconais, e desenvolver a Igreja como uma comunidade diaconal, que reconhece a sua missão e estabelece as suas prioridades de acordo, para a vida da Igreja.³⁹

5. O REINO DE DEUS E A TRANSFORMAÇÃO DO MUNDO

A quinta e última tese diz respeito a esperança no Reino de Deus e sua importância para o nosso presente engajamento diaconal.⁴⁰ Que todo o esforço por uma vida vivida segundo o amor de Deus corresponde a uma esperança no horizonte e tem a sua base nas promessas de Deus, coloca em evidência um versículo de Hebreus que expressa o que eu gostaria de enfatizar na minha Quinta Tese:

Apeguemo-nos com firmeza à esperança que professamos, pois aquele que prometeu é fiel. E consideremo-nos uns aos outros para incentivar-nos ao amor e às boas obras (Hb 10.23-24).

Tese 5:

A esperança no Reino Eterno de Deus encoraja a Igreja para

³⁹ Propostas muito concretas e viáveis para um crescimento de Igreja baseado na diaconia, escritas principalmente para o contexto da Igreja estatal, mas facilmente aplicável também para as Igrejas evangélicas encontram-se no livro-texto de ZELLERFELD-HELD, PAUL-HERMANN: *Solidarische Gemeinde. Ein Praxisbuch für diakonische Gemeindeentwicklung*, Neudettelsau 2002.

⁴⁰ Especialmente Moltmann destacou esta perspectiva para a diaconia: “Diaconia no horizonte do Reino é uma diaconia que segue ao crucificado, e nenhum outro nome! Mas – Diaconia como discipulado do Cristo crucificado é diaconia no horizonte da vinda do Reino de Deus – e em nenhum outro horizonte!” (MOLTMANN, Jürgen: *Diakonie im Horizont des Reiches Gottes*, em: HERRMANN, Volker/HORSTMANN, Martin: *Studienbuch Diakonik*. 1º Volume: *Biblische, historische und theologische Zugänge zur Diakonik*, Neukirchen-Vluyn 2006, 324-340, citação em 325 [Herv. i. Orig.].

um esforço comum operante em favor de um mundo pacífico e justo, até que venha a glória de Deus.

Quem pensa que uma Igreja pode aguardar pela vinda do Reino de Deus sem agir de forma diaconal pela transformação do mundo, deve fazer penitência e junto com a Igreja se envolver de novo pela paz, justiça e preservação da criação, em vez de ser opor por mais tempo ao Reino de Deus que está por vir.

As promessas de Deus para sua amada humanidade não se limitam à oferta de uma salvação individual e uma vida eterna após a morte. Elas abrangem também a redenção de toda a criação e a criação de um novo céu e uma nova terra, nos quais habita a justiça.⁴¹ O Reino de Deus, como um reino de paz e justiça ainda não é realidade. Ele também não será concretizado por homens, mas será a obra de Deus no fim de todos os dias. Este Reino de Deus já teve início quando da Encarnação do Filho de Deus. Ele está se desenvolvendo a partir da esperança, que vem Jesus Cristo, no fato da afeição de Deus pelo cuidado dos pobres, dos sofrendores, dos desesperançados e marginalizados.⁴²

⁴¹Tomando a distinção clássica da escatologia individual e universal (veja LEONHARDT, Rochus: *Grundinformation Dogmatik. Ein Lehr – und Arbeitsbuch für das Studium der Theologie*, 3., edição completamente revista, Göttingen 2008, 390), entre os Batista o ponto central, frequentemente recai sobre a questão da vida individual do crente ou não crente após a morte. O aspecto universal da promessa do reino de Deus sobre a nova criação e a reconciliação do mundo, ultrapassa essa questão da salvação do indivíduo ou da imortalidade da sua alma. A doutrina do Reino de Deus trata da salvação de toda criatura no presente e a transformação do mundo para um reino eterno de paz, e isso é evidente nos textos bíblicos destacados para a escatologia. Para quem vê a obra de Deus apenas como um 'resgate da alma', dificilmente entenderá este aspecto – para ele, o mundo é estranho desde o início. Ele terá se afastado com tal Soterologia e Escatologia da boa vontade do *Criador*. Deus tem consideração com o mundo, com “o novo céu e a nova terra” (Ap 21:1 e Is 65:17) – não tendo de maneira alguma consideração apenas pelas pessoas piedosas”. (WEBER, Otto: *Grundlagen der Dogmatik*. Segundo volume, Neukirchen 1962, 753).

⁴²Vide: *Die Diakonie – Definition von Pompey und Roß*: “Diaconia é um auxílio, cujo objeto central é a igreja diaconal. A partir deste objeto, é entendida como uma prática da fé a partir do horizonte da pregação de Jesus e de seu Reino que haveria de vir. A partir de lá, ele recebe o seu fundamento como de uma ‘paixão serena’, uma orientação para uma imagem multidimensional do homem, o seu papel primário ao lado daqueles que vivem à margem, bem como do seu posicionamento social específico. Neste posicionamento a diaconia se deixa conduzir por uma utopia real de uma sociedade, na qual a justiça se torna realidade e tem dimensões amplas para a crítica social, e espaço para ações transformadoras e alternativas da sociedade”. (POMPEY, Heinrich/ROSS, Paul-Stefan: *Kirche für andere. Handbuch für eine diakonische Praxis*, Mainz 1998, 207).

Este Reino já surge com o envio do Espírito e a sua ação em favor de um envolvimento eficaz por justiça, paz e preservação da criação.⁴³

Como Igrejas de Jesus e como seus sucessores, vivemos entre o início e a consumação do Reino Deus. Nossa visão, contudo, se direciona para frente, em direção daquilo que Deus nos tem prometido, para um mundo em que não mais haverá tristeza e todas as lágrimas são enxugadas (Ap 21:4), em direção a um mundo onde o lobo e o cordeiro pastam juntos e o leão come palha como o boi (Is 65:25).⁴⁴ Nossa visão se vale da consumação daquilo que foi prometido por Deus, daquilo que até agora só pudemos experimentar parcialmente, onde as pessoas fazem a paz umas com as outras, praticam a justiça e se envolvem pela preservação da criação. Nosso olhar à frente é um olhar de esperança, uma esperança que não se esvai, mas uma esperança que incentiva ao compromisso concreto por um mundo mais justo e mais pacífico. A esperança no Reino de Deus iniciado com o ministério de Jesus e terá sua consumação conforme prometido por Deus, nos dá coragem e força para nunca aceitar tudo aquilo que contradiz o Reino de Deus em nosso mundo. Diante do futuro positivo prometido por Deus, não pode haver tolerância com um presente negativo.⁴⁵ Nada que cria opressão e miséria é oriundo de Deus, nada que promove destruição e pobreza corresponde à vontade de Deus. A meta de Deus para com este mundo é uma meta boa, e como discípulos de Jesus e proclamadores do amor de Deus, estamos comprometidos com esta meta.

O foco na consumação do Reino de Deus qualifica para criticar estruturas injustas e à oposição e resistência contra tudo que leva a mais injustiça, guerra e destruição. Pessoas orientadas pelo Reino de Deus contemporâneos críticos,

⁴³ Vide: MOLTMANN, Jürgen: *Kirchen in der Kraft des Geistes. Ein Beitrag zur messianischen Ekklesiologie*, München, 1975, 49ss: “Na visão pneumatológica a Escatologia é obra do Espírito Santo. Pois pelo Espírito o crente é determinado pelo futuro de Deus. Estes poderes do Espírito são os poderes que a partir do futuro expressam nova vida, e as forças vitais que determinam o presente”.

⁴⁴ Nestas imagens proféticas também temos a ver, aliás, de uma reconciliação entre vítimas e predadores, e uma restauração do predador (lobo e leão) para uma vida comum pacífica.

⁴⁵ Veja: MOLTMANN, Jürgen: *Theologie der Hoffnung*, 12ª edição, München 1985, 17: Quem espera em Cristo, não pode mais aceitar a presente realidade, mas começa a sofrer por ela e a contradizê-la. Paz com Deus significa contenda com o mundo, pois o agulhão do futuro cava incansavelmente na carne de todos os insatisfeitos com a realidade do presente [...]. Esta esperança causa na comunidade cristã uma inquietação constante nas sociedades humanas, que deseja se estabilizar como “cidade permanente”. Ela faz da Igreja uma fonte de sempre novos impulsos para a busca da justiça, da liberdade e da humanidade para o agora à luz do prometido futuro, que está por vir”.

que observam o mundo ao seu redor com os olhos abertos e a mente clara. Mas os cristãos orientados pelo Reino de Deus são contemporâneos dedicados cheios de esperança, que saúdam cada passo e apoiam qualquer ação que suscitem mais justiça, paz e preservação da criação.⁴⁶ Exatamente por vivermos sob a perspectiva de que Deus vai consumir o seu Reino, que no final a paz de Deus vai prevalecer, podemos agir com imparcialidade, alegres e sem sermos desencorajados pelos obstáculos, para mudar o mundo visando o Reino de Deus.⁴⁷ Podemos fazê-lo de forma descontraída, porque sabemos que não temos que completá-lo, mas que podemos fazer a nossa parte contribuindo, assim, para que as promessas de Deus se tornem realidade.

A partir da perspectiva do Reino de Deus o ministério pastoral, então, jamais poderá ser um ministério voltado apenas para a Igreja.⁴⁸ Assim, como a Igreja não tem fim em si mesma, mas serve para por finalidade proclamar o convincente amor de Deus, o horizonte de toda ação pastoral tem que ser o Reino de Deus. O trabalho de um pastor ou de uma pastora é um serviço comunitário para a transformação do mundo a partir da esperança no Reino de Deus. Nem todas as Igrejas vão aceitar positivamente, se um pastor colocar como ênfase central de seu ministério envolver-se mais em iniciativas políticas, em projetos e iniciativas da comunidade ou ecológicos, porém, se este aspecto é um aspecto essencial para as atividades da Igreja de Jesus, então o envolvimento dos líderes espirituais de tempo integral deve ser um exemplo a

⁴⁶ E então, a Igreja não precisa temer parcerias com grupos que por outras motivações atuam esperançosamente. Vide: SÖLLE, Dorothee: *Lieben und Arbeiten. Eine theologie der Schöpfung*, 2. Auflage Stuttgart 1985, 207: “O tipo de fé que se expressa como resistência não tem necessariamente nada a ver com religião institucionalizada. Quem se baseia em uma crença em Deus, mas perdeu a esperança na sobrevivência da humanidade, que tolera ou incentiva consciente ou inconscientemente o preparo da redenção da criação, não crê realmente em Deus. Uma ideologia referente a Deus que não tem nada de esperança, não é fé. Mas quem traz esperança em seu estilo vida e em suas ações, juntamente com outros, este de fato acredita em Deus, não sendo importante se este alguém usa ou não as expressões religiosas como ‘fé’ ou ‘Deus’.

⁴⁷ Vide: MOLTSMANN, *Theologie* 215: “Olhando para a história com as suas condições e oportunidades como sendo um *sistema aberto*, então o Reino de Deus, como um reino libertador, deve ser entendido como um sistema de um futuro transcendente. Sem a contraposição da imagem de um futuro transcendente do Reino, se perde a orientação de uma mudança sistêmica imanente. Sem a mudança sistêmica imanente, o sistema de um futuro transcendente se tornaria em um sonho impotente. É por isso que na prática, a obediência à vontade de Deus em mudar o mundo e a oração pela vinda do Reino são inseparáveis. A antecipação doxológica da beleza do Reino e a viva oposição às atuações ateístas e desumanas na história estão inter-relacionados e se reforçam mutuamente”. [Herv. i. Orig.]

⁴⁸ Veja também a resposta de Michael Borkowski a este meu discurso nesta mesma edição.

ser seguido.⁴⁹ Idealmente, a responsabilidade da Igreja e o engajamento sócio-político podem estar relacionados. Isso vai acontecer especialmente ali onde comunidades se conectam em redes de trabalho cooperativo com outros grupos sociais que se engajam para o bem-estar das pessoas e por uma sociedade mais justa, ou pela preservação da criação. Quantas oportunidades práticas a este respeito existem, localmente, pode ser muito diferenciado. Um esforço destes será fadado ao fracasso, somente ali onde uma comunidade conscientemente rejeitar este aspecto. Desta maneira, uma renúncia consciente ao engajamento diaconal e à projetada responsabilidade ambiental, é um comportamento pecaminoso, contrário ao destino que Deus quer conduzir este mundo.

Nossas Igrejas podem ser pequenas congregações e suas forças certamente são limitadas. Mas isso não impede que elas ainda assim se envolvam num plano por um mundo mais justo e mais pacífico. Precisamente em razão da nossa esperança, podemos introduzir a perspectiva de mudança na sociedade, agindo descontraidamente e ao mesmo tempo motivando. Podemos nos envolver sem esperar que o nosso engajamento trará a solução de todos os problemas do mundo. Podemos colocar o primeiro sinal de esperança onde ainda não existem concepções concretas para superar as necessidades. Nós podemos, com o longo fôlego do Espírito de Deus, ajudar a superar tempos de sequidão, onde o ativismo de curto prazo é seguido rapidamente pela decepção, face à resistência social.⁵⁰

Não vamos consumir o Reino de Deus com nossas Igrejas, mas isso também não é a nossa missão. Podemos e devemos fazer a nossa parte para que a paz

⁴⁹ Por que e como as Igrejas Evangélicas Livres podem ser mais comprometidas com a dimensão política em sua missão, apresento em: DZIEWAS, Ralf: *Eine freie Kirche in einem freien Staat. Sozialethische Perspektiven zur politischen Verantwortung einer Freikirche in der Bundesrepublik*, (1999) 312-338 e exemplos concretos expostos em: DZIEWAS, Botschafter (vide nota 32)

⁵⁰ Vide: MÜLLER-FAHRENHOLZ, Geiko: *Erwecke die Welt. Unser Glaube an Gottes Geist in dieser bedrohten Zeit*, Gütersloh 1993, 141. Verdade, Consolo e Fidelidade são as três “dimensões do Pneuma” que são e permanecerão mutuamente dependentes e continuarão sendo incompletas sem as outras. A *verdade* é a dimensão crítica da distinção. Nela, o Espírito de Deus participa como parte sensata da força motriz do conhecimento intelectual penetrante, examinadora e analítica, mas também como um poder intrépido de elucidação de erro e culpa. *Consolo* tem uma dimensão sintética, construtiva. Nele, o Pneuma se mostra como força de abrigo, animadora, com poder reconciliador, como uma cidade natal, uma morada. *Lealdade* tem uma dimensão prospectiva. Nela, o Pneuma se revela combativo, perseverante, e apoio através do tempo, como força de resistência, garante a abertura escatológica do futuro. [...] A verdade oferece orientação, o Consolo a segurança e a Fidelidade o ânimo longo.” [Herv. I. Orig.]

e a justiça prevaleçam e boa criação de Deus seja preservada. Onde ofuscamos esta missão, e a recusamos, traímos a esperança que na realidade nos quer incentivar às boas atitudes e ações. Onde recusamos a missão de mudar o mundo, nós estabilizamos e legitimamos estruturas negativas e pecaminosas que não podem persistir, se o Reino de Deus deve ser uma realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À natureza e à tarefa da Igreja de Jesus, ao lado da proclamação do Evangelho, pertence inseparavelmente o trabalho diaconal em ações de misericórdia e por sinais da chegada do Reino de Deus. Se as nossas Igrejas novamente aceitarem esta missão em suas dimensões individuais e comunitárias, as nossas Igrejas serão diferentes. Por conseguinte, os ministérios pastorais também não ficarão imunes a estes processos de mudança. Quando as Igrejas perceberem mais que a diaconia é uma parte indispensável de sua essência como igreja de Cristo, então este aspecto criará expectativas e exigências ainda mais fortes sobre as pastoras e pastores. Então será esperado que eles preguem com frequência sobre diaconia, que capacitem os membros da congregação pelo ensino e no aconselhamento, a serem ativos na diaconia, e também se espera legitimamente que eles mesmos vistam o colete e o avental ou peguem a colher de sopa na mão quando se trata de organizar uma mesa de refeição no bairro. Mas, acima de tudo, as competências de gerenciamento e de liderança de projetos diaconais serão mais requisitadas pelas Igrejas, junto aos Pastores. Por isso é tempo de assumir conscientemente as expectativas de mudança nas Igrejas, integrando-as em nossa autoimagem do ministério pastoral, e que em nossa graduação e pós-graduação se busque propagar e aprofundar as necessárias competências diaconais. Só então seremos capazes de cumprir melhor, no futuro, a nossa missão, juntamente com todas as pessoas de boa vontade, de proclamar o amor de Deus pela pregação do Evangelho, através de atos de misericórdia, e pelos sinais da chegada do Reino de Deus, contribuindo ativamente, para que no futuro, a diaconia tenha a prioridade em nossas Igrejas, que corresponda à ordem de Jesus Cristo.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

